

A genealogia do gato doméstico

Uma investigação internacional demonstrou que o gato doméstico alcançou a Europa, por África, mais tarde do que se pensava. A zooarqueóloga portuguesa Cleia Detry, que participou neste estudo, conta à National Geographic Portugal como se chegou a esta conclusão e qual o seu papel na descoberta.

[Gonçalo Pereira Rosa](#)

Atualizado a 28 de Janeiro de 2026, 17:54



PROJECTO ERC-FELIX (DEPT. DE BIOLOGIA, UNIVERSIDADE DE ROMA TOR VERGATA)

Crânios de antigos gatos provenientes de vários sítios arqueológicos na Europa foram analisados na Universidade de Roma Tor Vergata.

A explicação parecia intuitiva: **há cerca de seis mil anos, os antigos egípcios mumificavam gatos** e os agricultores do Oriente faziam-se acompanhar por gatos domésticos, pelo que era expectável que a domesticação dos felinos na Europa tivesse uma cronologia aproximada e que os primeiros gatos na origem das populações actuais descendessem do **gato do Levante**.

É verdade que o registo arqueológico era duvidoso: **no Neolítico europeu, quase não há enterramentos de gatos** (e, quando existem, não é fácil determinar se seriam selvagens ou domésticos) nem representações de felinos nos contextos pré-históricos. O gato faz as **primeiras aparições no Velho Continente apenas no início da nossa era em mosaicos romanos**.

Acrescente-se ainda uma dificuldade metodológica já identificada nos estudos genéticos com outras espécies domesticadas, como o cão e o cavalo: há **sub-representação dos sítios arqueológicos do Norte de África** em comparação com as jazidas europeias e levantinas, o que também justificou a hipótese de que este processo tivesse sido

desencadeado a oriente e não através de uma vaga dispersiva a partir de territórios norte-africanos.

No final do ano passado, o debate sobre o tema recebeu um novo contributo de especialistas em genética de vários países. Liderado por [Claudio Ottoni](#), da Universidade de Roma Tor Vergata, e por [Wim van Neer](#), do Instituto Real Belga para as Ciências Naturais, o grupo recolheu **amostras de 225 gatos dispersos por 97 sítios arqueológicos europeus**. [Cleia Detry](#), investigadora da Uniarq da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, participou no estudo fornecendo amostras “de gatos de várias épocas em território português, incluindo dos **sítios arqueológicos do antigo Banco de Portugal e do Castelo de Palmela**”, conta.



BEA DE CUPERE (RBINS, PROJECTO ERC-FELIX)

As mandíbulas das colecções dos Museus Estaduais Schleswig-Holstein da Fundação Schloss Gottorf (Alemanha).

O grupo conseguiu reconstituir 87 genomas de gatos antigos e modernos e concluiu que **o gato doméstico europeu só chegou à Europa há cerca de dois mil anos**. Até então, existiam apenas gatos bravos neste território. “Concluiu-se igualmente que os gatos domésticos europeus tiveram **origem no gato-bravo africano** e não no gato do Levante”, diz a especialista portuguesa.

[No artigo publicado na revista Science](#), a equipa descreveu **duas vagas de dispersão**: uma, mais antiga, que terá chegado à Sardenha e talvez a outras ilhas do Mediterrâneo; e uma segunda, que deu origem aos gatos actuais. **Até aqui, os estudos sobre a origem dos felinos tinham-se concentrado em DNA mitocondrial** e apoiavam a hipótese de uma vaga dispersiva mais antiga, pois a informação “lida” nessas pequenas estruturas presentes em cada célula não consegue distinguir cruzamentos antigos entre gatos-



bravos africanos e europeus antes e depois da domesticação. “Era como se só tivéssemos uma única frase para interpretar todo um livro”, compara a investigadora. Além disso, o DNA mitocondrial fornece apenas dados relativos à linha materna.

“Este estudo foi mais preciso porque utilizou o genoma nuclear como referência”, diz Cleia Detry. Ao utilizar material genético do núcleo das células, foi possível interpretar com maior precisão a relação cronológica entre cada população de gatos analisada. Por outras palavras, “agora, para o mesmo livro, temos mais páginas e o sentido começa a ficar mais completo”, acrescenta.

Organizadas no [Laboratório de Arqueociências](#), as colecções zoológicas portuguesas de referência têm sido solicitadas para vários projectos nos últimos anos e marcam **uma mudança na forma como se olha agora para os vestígios de animais nas escavações**. “Nunca sabemos se um osso pode contar uma história mais rica do que supúnhamos”, diz Cleia Detry.

Artigo publicado originalmente na [edição nº 27 da revista National Geographic História](#).